

ELEIÇÕES

Lula admite dialogar com Centrão

Ex-presidente diz que, se eleito, manterá interlocução com Congresso Nacional. Movimentos do petista são alvo de críticas

» RAPHAEL FELICE

Líder de pesquisas de intenção de voto para as eleições de outubro, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem feito movimentos para a formação de uma ampla aliança, para além da esquerda. Conforme enfatiza o petista, a união com diferentes espectros políticos são fundamentais para a governabilidade, caso assumida novamente o comando do país. Em entrevista, ontem, à Rádio CBN do Vale do Paraíba, ele disse não ver problemas, por exemplo, em negociar com o Centrão, grupo político que, hoje, dá sustentação ao governo do presidente Jair Bolsonaro.

“Você negocia com a direita, você negocia com a esquerda e com o centro. Você negocia com católico, evangélico e ateu. É necessário negociar com quem tem mandato para poder aprovar as coisas que precisam ser aprovadas”, argumentou. “Eu não vejo problema em conversar com o Centrão.” Ele pregou o amplo diálogo: “Convencendo as pessoas, aceitando sugestões e propostas de mudanças. É assim que se dá o jogo político no planeta Terra onde existe democracia”.

Lula ressaltou, porém, a necessidade de “renovar” o Congresso Nacional com a eleição de políticos mais “progressistas” e ligados a pautas sociais. Apesar de admitir conversar com o Centrão, se eleito, ele frisou não querer ser refém do Parlamento.

“Nós precisamos eleger deputados que tenham uma visão mais social e mais humanista do país. Não podemos ter um Congresso que transformou o presidente (Bolsonaro), um boquirroto que falou besteiras na campanha eleitoral, em refém”, criticou.

Durante a primeira gestão de Lula, porém, estourou o escândalo do mensalão, em que o governo foi acusado de pagar parlamentares em troca de apoio em projetos no Congresso. O PL, de Valdemar Costa Neto, que integra o Centrão, foi um dos protagonistas do caso.

Sem unanimidade

As ideias de Lula não têm unanimidade no PT e em partidos no entorno dele. Caso de integrantes do PSB, que negocia a filiação do ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido) para ser vice na chapa de Lula.

Segundo o deputado federal Júlio Delgado (PSB-MG), Lula

Olho no Congresso

O ex-presidente Lula articula o retorno de nomes tarimbados do PT e de outros partidos de esquerda para buscar uma vaga no Congresso, como o ex-deputado Jean Wyllys e o ex-governador de Minas Gerais Fernando Pimentel, que sairiam para a Câmara.

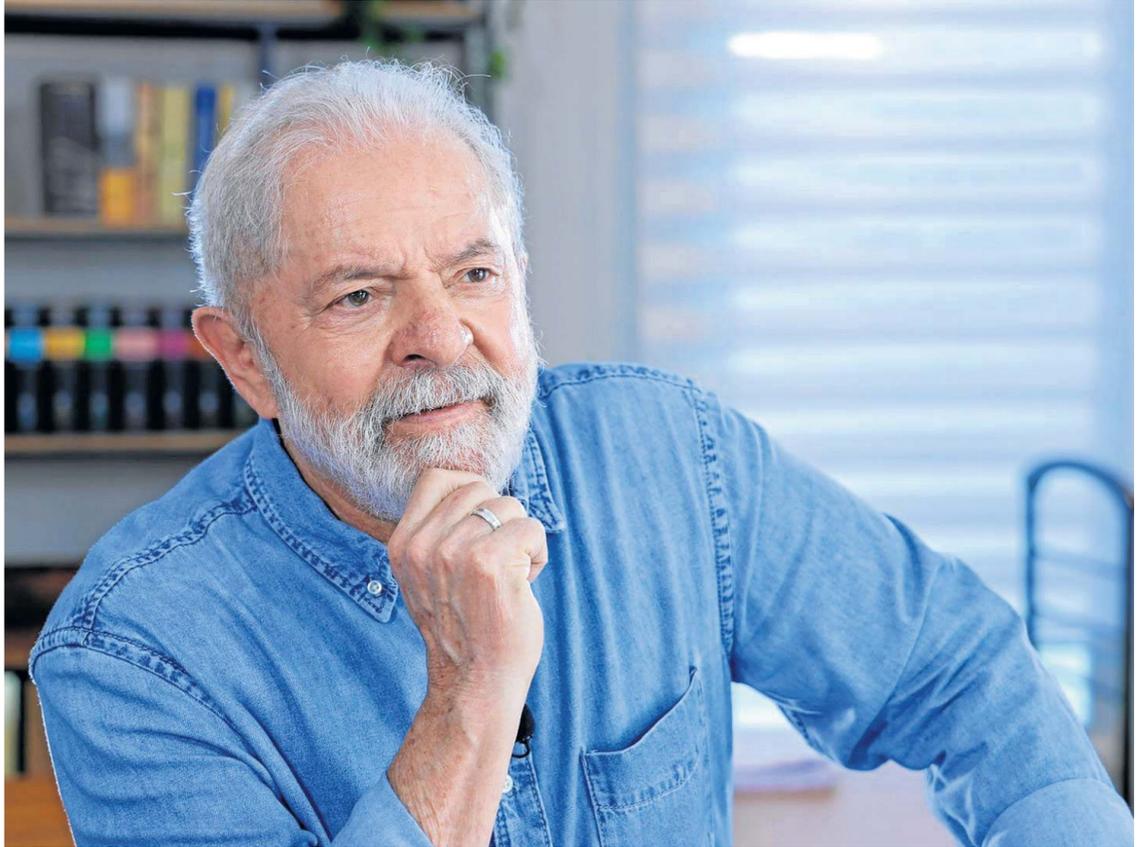
tenta se aproximar de legendas que já fizeram parte do Centrão e foram ativas na articulação para o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. “Ele se aproxima do PSDB e do MDB, que participaram do golpe contra a ex-presidente Dilma e compuseram o Centrão por um bom tempo. Há integrantes das duas legendas que, até hoje, não querem largar o apoio a Bolsonaro”, afirmou. O parlamentar ainda questionou as razões do imbróglio envolvendo o acordo entre o PT e o PSB, que ainda não chegaram a um consenso sobre o lançamento de candidaturas em estados-chave. “Estamos a corda conosco, pois acham que não temos outra alternativa que não apoiar Lula”, alfinetou.

O senador Humberto Costa (PT-PE), por sua vez, disse que Lula deve buscar alianças para se eleger e governar o país, pois, caso saia vitorioso, vai encontrar um panorama complicado. “Se ganharmos a eleição, vamos encontrar uma verdadeira terra arrasada. Isso significa que, para tirar o país deste atoleiro, vamos precisar de muito apoio eleitoral e apoio político”, ressaltou. “Acho que Lula age de modo correto. Tanto em buscar apoio para a vitória eleitoral já em primeiro turno quanto para costurar apoio no segundo turno.”

Líder do PSDB no Senado, Izalci Lucas (DF) disse que o modus operandi de Lula é governar se aliando ao Centrão. “Primeiramente, acho que ele não vai ganhar, então, não precisa dessa preocupação. No entanto, ele já foi presidente e é só ver como governou e o que aconteceu na época. Lá atrás, ele se aliou ao Centrão.”

Por sua vez, o senador Renan Calheiros (MDB-AL) ressaltou a capacidade de Lula em “articular diferentes forças políticas a seu favor”.

Ricardo Stuckert



Lula: “É necessário negociar com quem tem mandato para poder aprovar as coisas que precisam ser aprovadas”

Dilma é descartada de eventual governo

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou que a ex-presidente Dilma Rousseff (PT) peca ao não ter o “jogo de cintura” necessário para lidar com a política. Para Lula, falta a ela, que foi escolhida pessoalmente pelo petista para disputar sua sucessão em 2010, a “paciência que a política exige”. A declaração foi dada durante entrevista à Rádio CBN do Vale do Paraíba, após questionamento sobre o papel da petista em sua campanha.

“O tempo passou. Tem muita gente nova no pedaço. Eu pretendo montar um governo com muita gente nova, importante e com muita experiência”, afirmou. “A Dilma, tecnicamente, é uma pessoa inatacável, que tem uma competência extraordinária. Na minha opinião, a companheira Dilma erra na política. Ela não



O tempo passou. Tem muita gente nova no pedaço. Eu pretendo montar um governo com muita gente nova, importante e com muita experiência”

Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente da República

tem a paciência que a política exige que a gente tenha para conversar e atender as pessoas mesmo quando você não gosta do que a pessoa está falando. Nisso, cometemos um equívoco pela pressão em cima dela”, acrescentou sinalizando que não deve levá-la para nenhum cargo no governo caso seja eleito em outubro.

Antes de qualquer discussão sobre participar ou não de um

eventual novo governo petista, o papel de Dilma na campanha do Lula tem sido questionado sobretudo depois da ausência da ex-presidente no jantar promovido pelo Prerrogativas, coletivo de advogados autodenominados “progressistas” e “antilavajatistas”, em dezembro de 2021. Foi o primeiro encontro público entre Lula e o ex-governador Geraldo Alckmin, que deixou o PSDB e cogita filiar-se ao

PSB, entre outros partidos, para disputar a vice-presidência na chapa com o petista.

Na época, a ausência de Dilma provocou especulações de que o PT estaria tentando “escondê-la” para evitar desgastes à campanha presidencial deste ano. A petista foi alvo de impeachment em 2016, e a condução da política econômica em seu governo também é contestada.

Para minimizar os burburinhos, em entrevista ao jornal *O Globo*, o ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardozo afirmou, publicamente, que houve um “ruído de comunicação”, que fez com que o convite não chegasse a Dilma. Ele assumiu a responsabilidade pelo equívoco. Já o ex-presidente fez questão de publicar uma foto de seu primeiro encontro com Dilma este ano.

Disputa acirrada pelo voto evangélico

» GABRIELA CHABALGOITY*
» BERNARDO LIMA*

Pré-candidatos à Presidência da República miram ações para tentar atrair os evangélicos, que representam cerca de um terço do eleitorado do país. Líder das pesquisas de intenção de voto para o pleito de outubro, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) está de olho no segmento, assim como o vice-líder, o presidente Jair Bolsonaro (PL). Outro que entra na disputa por esse grupo religioso é o ex-ministro Sergio Moro (Podemos). Ele marcou, para o próximo dia 7, um grande evento em Fortaleza, no qual espera reunir pelo menos 200 pastores. A expectativa é de que divulgue uma carta-compromisso para esse público. Além disso, o ex-juiz deve se encontrar com lideranças evangélicas no interior de São Paulo, também na próxima semana.

O aceno de Moro a essa ala é uma tentativa de atrair a confiança de um setor que está dividido justamente entre Lula e Bolsonaro. Um levantamento feito pelo Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria) mostrou que 34% do grupo religioso disse ter intenção de votar no petista, enquanto 33% afirmaram que optarão pelo atual chefe do

Executivo. Já o ex-ministro conta com apenas 7% de intenção de votos dos evangélicos.

Outro relatório, divulgado neste mês, também mostrou a divisão nesse segmento. Pesquisa Quaest apontou que evangélicos de todos os níveis de escolaridade se dividem entre Lula e Bolsonaro. Cerca de 40% de pessoas que cursaram até o ensino fundamental pretendem votar no petista, enquanto 30% vão optar pela recondução do presidente. Já entre entrevistados com ensino médio completo, 30% têm a intenção de votar em Lula e cerca de 40%, em Bolsonaro. Por fim, pessoas com ensino superior completo ou mais, votariam ou em Lula ou em Bolsonaro, ambos com um pouco mais de 30% de intenção de voto.

“Moro vai tentar entrar numa faixa que está muito bem ocupada, tanto por Bolsonaro quanto por Lula. Precisar de uma estratégia muito inteligente para conquistar esse público”, afirmou o cientista político André Cesar, da Hold Assessoria Legislativa.

Rafael Favetti, da Favetti Sociedade Advogados, explicou que os presidenciais devem estar atentos ao grupo social por que o número de evangélicos no Brasil aumenta cada vez mais. Além disso, ele salienta

Alan Santos/PR



O bispo Edir Macedo com Bolsonaro: Universal prega contra “ideias esquerdistas”

“Espalhar o caos”

O artigo publicado no site da Igreja Universal diz que não é possível ser cristão e votar na esquerda. Destaca que esquerdistas querem repetir no Brasil “fórmulas desgastadas e ineficazes”, como regimes ditatoriais, além de “espalhar o caos, para que suas atitudes de desgoverno não sejam notadas”. Em outros eleições, porém, a cúpula da Universal apoiou os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff.

que esses religiosos não são um “campo homogêneo eleitoralmente falando”.

Destruição

No domingo passado, o site da Igreja Universal do Reino de Deus, liderada pelo bispo Edir Macedo, publicou um texto no qual enfatizou que “um cristão de verdade não pode nem deve compactuar com ideias esquerdistas”. A postagem complementa que “a esquerda prega contra o casamento convencional” e

destrói “a rede de apoio familiar para ‘salvar’ o povo usando um assistencialismo manipulador”.

André Cesar destacou a influência de Edir Macedo e de outros líderes no eleitorado evangélico. “Eles são os grandes formadores de opinião e têm muitos instrumentos para isso. Até a própria retórica deles acaba influenciando bastante a decisão de voto do seu rebanho”, frisou.

*Estagiários sob a supervisão de Cida Barbosa

Avante terá candidato

» TAÍSA MEDEIROS
» BERNARDO LIMA*

O deputado André Janones (Avante-MG) se define como a “terceira via viável”. Com perfis nas redes sociais que alcançam mais de 10,4 milhões de pessoas, o parlamentar lançará, no próximo sábado, sua pré-candidatura à Presidência da República.

Na mais recente pesquisa do Ipec, divulgada em dezembro, Janones apareceu com 2% das intenções de voto, mesmo patamar do governador de São Paulo, João Doria (PSDB).

O parlamentar ganhou destaque em 2018, quando apoiou e se tornou porta-voz de caminhoneiros durante a greve da categoria no governo Michel Temer (MDB).

Janones chegou a chamar a atenção do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do ex-ministro Sergio Moro (Podemos), pré-candidatos ao Palácio do Planalto, mas segundo o presidente nacional do Avante, o deputado Luís Tibé (MG), a intenção é levar a candidatura do parlamentar até o final. “Não tenho a menor dúvida de que as intenções de voto para ele podem crescer. A candidatura nem foi oficializada ainda, e ele já está pontuando bem nas pesquisas”, argumentou.